

245

29 AÇO 1993

Pesquisa revela matança de Caiapó por mercúrio

PAULO GUSHÃO

Enquanto os índios Ianomani são massacrados por garimpeiros no Estado de Roraima, os Caiapó, localizados em Rondônia, vivem um modo diferente de extermínio. Gradual, lento, mas invariavelmente fatal, os Caiapó estão sendo as principais vítimas da contaminação de peixes, rios e do próprio ar por mercúrio.

Uma pesquisa financiada pela Fundação Mata Virgem e realizada pela Universidade de Brasília, coletando sangue, urina e cabelos dos garimpeiros, índios e população ribeirinha, confirma a nova técnica de genocídio. Entre o chumbo das balas e o mercúrio que contamina os peixes — principal alimento da população Caiapó — os índios pagam um alto preço para que os garimpeiros fiquem com o ouro.

Perda da coordenação motora, problemas gástricos, surdez, cegueira e morte. Este é o ciclo pelo qual passará a população das aldeias Gorotire e Djudjetikire, a aproximadamente 100 km de Porto Velho, capital do Estado. Nestas áreas, foram encontrados os índices de contaminação mais alarmantes. Enquanto os garimpeiros são atingidos pela contaminação por mercúrio na forma inorgânica, menos grave, mas também perigosa, os Caiapó apresentaram alto índice da contaminação por mercúrio de forma orgânica, acumulativo e fatal. Os gráficos da pesquisa revelam que exames nos cabelos dos garimpeiros e dos índios mostram dados desiguais para ambos os casos. Os cabelos são a melhor amostragem do índice de contaminação orgânica. Isto porque o mercúrio, em combinação com hidrocarbonetos, se aloja no sistema nervoso. Entre 130 garimpeiros analisados, apenas 2% apresentaram um índice igual ou superior ao considerado crítico pela Organização Mundial de Saúde (OMS). A grande maioria (92%) apresentaram taxas situadas dentro

dos limites — até 5ppm (partes por milhão).

Na análise efetuada nos cabelos de 211 Caiapó, a situação inverteu-se. Cerca de 35% apresentavam índices acima dos 10ppm, considerado um valor alarmante. Aproximadamente 51% demonstravam valores entre 5 e 10ppm, que são valores já considerados dignos de atenção pela OMS. Apenas 14% demonstravam valores "normais". A contradição se apresenta quando se analisam as contaminações pela forma inorgânica, obtida através das análises de sangue e urina. No mesmo universo de amostragem, 80% dos garimpeiros apresentam índices de contaminação acima de 10ppm. Entre os índios, este número cai para perto dos 20%.

Dieta — O professor Antônio Barbosa, coordenador do Laboratório de Química Analítica da UnB, e um dos integrantes da pesquisa, esclareceu o porquê desta contaminação "seletiva" dos índios por mercúrio na forma orgânica, ao contrário dos garimpeiros, mais atingidos pela forma inorgânica: "Os garimpeiros são contaminados através da inalação do mercúrio queimado, ou da absorção pela pele. Este mercúrio queimado acaba se precipitando nos rios sendo absorvido por peixes. Como a pesca é a principal atividade alimentar dos Caiapó, fica fácil entender porque sobre eles recai o maior percentual de contaminação orgânica.

Antônio explicou que os peixes conseguem transformar o mercúrio na sua forma iônica em compostos orgânicos, como o dimetilmercúrio, de alta toxicidade. "Como os garimpeiros têm hábitos alimentares mais diversificados, eles acabam sendo menos contaminados", admitiu, lembrando que entre as populações ribeirinhas, das margens do Madeira, já começam a aparecer casos de contaminação pela forma orgânica. "por conta da dieta destas populações, muito semelhante a dos índios".



Arquivo

As populações ribeirinhas, junto com os índios, são as principais vítimas do uso do mercúrio

Metal é conhecido desde 1500 a.C.

Único metal encontrado no estado líquido, em temperatura ambiente, o mercúrio é conhecido desde os antigos chineses e hindus. No antigo Egito, ele foi encontrado em túmulos de 1.500 a.C. Seu nome foi dado pelos alquimistas, por volta do século VI, que usaram o símbolo do planeta Mercúrio para representar o metal, devido à cor e à rapidez com que o corpo celeste gira em torno do sol. Seu símbolo químico (Hg) vem do latim *hydrargyrum*; "prata líquida".

A frequência do mercúrio na natureza é na forma de sulfato de mercúrio (HgS), sendo também encontrado nas formas de cloreto e outras de menor importância econômica. Os maiores produtores são a Espanha (minas de Almadén), China e Rússia, mas também são importantes as minas do México, EUA e norte da África.

Utilizado na confecção de lâmpadas, tintas e na indústria farmacêutica, o mercúrio não é encontrado no Brasil, sendo totalmente importado. As estatísticas apontam que 1/4 da produção mundial é empregada na fabricação da soda caustica, 22,9% em componentes elétricos (baterias); 12,2% na fabricação de tintas, 6,5% em instrumentos científicos e 3,7% na odontologia. Nestes dados não entra a utilização de mercúrio em garimpos, mas segundo estudiosos, esta deve ser superior à utilização para a indústria química.

Com o nome de Calomelano, no passado, o mercúrio era ingerido para auxiliar no tratamento da sífilis. Os resultados não podem ser apurados já que invariavelmente os doentes morriam, tendo como causa mortis a própria molestia.

190
367
1527
148
1151
1011
7610

15

Professor defende os garimpeiros

O professor de Ecologia nas Relações Internacionais da Universidade de Brasília, Argemiro Procópio, autor de dois livros que falam da questão do garimpo — "Amazônia, Ecologia e Desenvolvimento Social"; e "Garimpos e garimpeiros do Brasil" — não concorda com a responsabilidade geralmente atribuída a estes trabalhadores pelos "defensores da Amazônia e dos índios". Para Argemiro, "a opinião pública tem de rever o conceito que faz dos garimpeiros".

O professor é conhecido pela pesquisa que fez para saber de onde vinha o mercúrio consumido no País. "Até o final da década de 70, o produto vinha do México. Depois, com o aumento do consumo norte-americano, o Brasil ficou sem fornecedor. É então que entra a Inglaterra, como maior fornecedora do produto para o País. O interessante é que a Grã-Bretanha não é grande produtora, sendo que apenas repassa o produto para cá", conta.

Argemiro explicou que o produto é comprado por indústrias paulistas que depois o revendem para os garimpeiros, por um preço três a quatro vezes maior. "Como os garimpeiros são a única classe trabalhadora não filiada à CUT, fica difícil defender seus interesses", ironiza.

O número de garimpeiros no Brasil, segundo Argemiro, é superior ao de todos os trabalhadores, em todas as multinacionais: "são mais de um milhão, perdendo dia-a-dia sua coordenação motora, fi-

cando cegos e inutilizados por conta da inalação constante do mercúrio", analisa.

O problema não seria unicamente no Brasil, conforme Argemiro, mas também haveria casos no Peru, Bolívia, Venezuela e Colômbia. O comum nestes países é a exploração destes trabalhadores, não sendo raros os casos de assassinatos. "Se as organizações não-governamentais têm algum interesse em modificar a situação de Rondônia, elas devem ir ao parlamento britânico, onde funciona um poderoso lobby para a importação do mercúrio", diz.

Argemiro lembra que o ouro produzido a partir do amálgama, costuma passar por um segundo processo de purificação, normalmente nas capitais da região Norte. Os habitantes de tais localidades também estariam sendo contaminados, dando origem a crianças com deformações genéticas e outras enfermidades. Além disso, as pesquisas do professor revelam que o Brasil seria o segundo maior produtor de ouro do mundo. Ouro totalmente clandestino. Para confirmar, Argemiro lembra que "o Uruguai é o maior exportador de ouro da América Latina, sem possuir uma só mina".

"Se quisermos realmente saber o que acontece com o ouro brasileiro, teremos que ir ao depositário final, que são os bancos suíços. Através destes chegaremos a uma rede que inclui os grandes traficantes de drogas. Ouro e cocaína fazem uma "dobradinha" na Amazônia", denuncia.

Amálgama dentário provoca polêmica

A utilização de mercúrio nos amálgamas dentários já virou tema polêmico nos debates da classe. No entanto, muitos dentistas são unânimes em afirmar que não há registro de problemas causados pelo uso do material. O presidente da Associação Brasileira de Odontologia (ABO), Hosana Garcez, afirmou que em 20 anos de clínica "nunca teve conhecimento de algum caso de intoxicação por mercúrio". Para Hosana, a questão é mais econômica do que científica.

"Esta polêmica foi gerada por interesses das multinacionais que criaram uma resina, com base de quartzo, e com resultado final muito melhor, esteticamente. O problema é que o resultado final sai de três a quatro vezes mais caro, inviabilizando o uso indiscriminado em um país como o Brasil".

Nos dias 25, 26 e 27 de setembro, quando Brasília sedia a Conferência Nacional de Saúde Bucal, o tema voltará à pauta. Mesmo não condenando o uso do amálgama, Hosana admite que o tratamento com as resinas seria o ideal. "Mas por hora é sonho. Só em Brasília, apenas 12% da população têm acesso a tratamentos dentários. Este número cairia sensivelmente se cedêssemos aos lobbys da resina e evitássemos o tratamento com amálgamas", afirma, e lembra que a Federação Dentária Internacional distribuiu o certificado de liberação de uso de amálgamas em mais de 115 países do mundo, sem restrições.

Fundação colabora com as expedições

Criada em 6 de junho de 1989, em Brasília, a Fundação Mata Virgem (FMV) tornou-se famosa pela militância de estrelas da música pop, como Rita Lee e o inglês Sting. Afilhada da Rainforest Foundation International (RFFI) que funciona em Nova Iorque e com ramificações no Japão, Noruega, Reino Unido, Itália e Estados Unidos, ela é a única que executa projetos desenvolvidos na Amazônia brasileira, com recursos captados e arrecadados pela RFFI em outros países.

O projeto mais importante foi a demarcação da área indígena Menkragnoti, um território com 4,9 milhões de hectares, localizado no sul do Estado do Pará, na fronteira com Mato Grosso, onde vivem comunidades caiapó. Com um custo final de US\$ 1,1 milhão este trabalho envolveu 75 homens, um avião, dois helicópteros, uma lanterna e 90 dias na selva.

Dentro do projeto "Saúde, garimpo e mercúrio entre os Caiapó", a FMV colaborou com a organização das quatro expedições para a coleta de sangue, urina e cabelo, nas aldeias Gorotire e Djudjetikire. Este foi o primeiro trabalho deste tipo feito no Brasil. Juntamente com a UnB, a intenção da FMV é servir de referencial para novos trabalhos de impacto ambiental causados pelo mercúrio. Apesar do peso destas atividades, a FMV, não é muito bem vista por setores do Exército que consideram a fundação uma das pontas-de-lança do processo de internacionalização da Amazônia.

Doença de Minamata fez 551 vítimas

Década de 30. Indústrias químicas instaladas na bafa de Minamata, no Japão, começam a despejar resíduos tóxicos na água. Entre eles, o mercúrio. O produto se acumulou no organismo dos peixes e daí passou para o dos pescadores da região. Além de recorrer à Justiça a fim de obter compensação da fábrica que lhes tirara o ganha pão e a saúde, os pescadores empreenderam bloqueios à bafa para impedir a entrega de matéria-prima à empresa de química Chisso, uma das principais poluidoras.

O professor Masazumi Harada, do Departamento de Epidemiologia da Universidade de Kumamoto, esteve pela segunda vez no Brasil, há três semanas, para dar seu parecer de maior autoridade mundial sobre contaminação por mercúrio para pesquisadores da UnB. Ele evitou falar sobre a contaminação dos Caiapó, alegando "o caráter extra-oficial de sua visita". Professor Harada lembrou, no entanto, que a recidiva da Doença de Minamata, como ficou conhecido no Japão o envenenamento por mercúrio, em 1973, levou o governo japonês a proibir a venda de peixe em todo o país.



Harada lembrou Minamata

Os dados oficiais, como de hábito, são divergentes. O governo japonês afirma que existem 551 vítimas fatais de envenenamento por mercúrio. Alguns números sugerem mais de mil pessoas. No total haveria mais de 10 mil contaminados. As seqüelas até hoje são contabilizadas, entre abortos e deformações. Só com indenizações o Japão já teria gasto US\$ 10 milhões, depois ressarcidos pelas indústrias. Esta deve ser a diferença crucial para com o caso brasileiro. A quem o governo recorrerá, caso tenha que indenizar os Caiapó, uma vez que os garimpos são clandestinos?